

**Subalternização do corpo feminino no âmbito social: uma discussão sobre gênero e sexo**

Sandy Fernandes Menezes  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: sandyfernandesm@gmail.com

Maria de Fátima de Andrade Ferreira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com

186

**Palavras-chave:** Subalternização. Corpo feminino. Gênero. Sexo

## INTRODUÇÃO

Este recorte da pesquisa de mestrado “Narrativas de mulheres autodeclaradas pretas sobre participação feminina na política/ poder: um estudo descritivo sobre desigualdade de gênero e raça”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, trata de uma discussão sobre o lugar ocupado pelo corpo feminino dentro do espaço social, destacando a destinação histórica dada a mulher, assim como a sua luta constante para obtenção de espaço, de direito a ter direitos.

Observando as reflexões e estudo que tratam de questões sobre o lugar de gênero, foi possível compreender que o corpo feminino é subalternizado dentro da sociedade regida pelo patriarcado e suas articulações com o capitalismo e o autoritarismo, pois produzem relações sociais de gênero que mantêm o machismo, a misoginia e o sexismo, que refletem esse preceito dentro dos organismos político-sociais.

Neste recorte procuramos analisar a herança social do atual local ocupado por esse corpo feminino subalternizado, além disso, buscamos verificar como o teor dessa pesquisa coaduna com a necessidade de estudar a ausência da mulher na sociedade e as implicações de gênero propagadas pela ideologia social das distinções ocupacionais dos sexos. É válido elucidar que a síndrome da inferioridade feminina advém de um conjunto de situações postas socialmente e a questão biológica tem influência na diferença de ocupação de labor. A

**Realização:**



**Apoio:**



formação social, com a base de força e estrutura óssea apontava o homem como a base da pirâmide e, nesse sentido, é preciso analisar a questão do corpo e seu lugar ocupacional dentro da sociedade, pois, o primeiro fator que estudamos ao tratar das discriminantes sociais que afastam a mulher do meio social, são as impressões do corpo. Portanto, ao falar de corpo estamos imersos em marcadores simbólicos, que evidenciam as questões relacionadas a gênero, o marcador gênero desponta com determinadas configurações e nuances corporais e comportamentais que auxiliam na demarcação de espaço que o corpo ocupa no âmbito social. Nessa discussão podemos trazer à baila, as categorias sexo e gênero que apesar de serem institutos distintos, caminham no mesmo campo discursivo (Triles, 2021). Assim, partindo dessa premissa é importante analisar o que Michel Foucault (1988) conceitua, tendo em vista que, as relações políticas-sociais envolvem uma produção de discurso, a história da sexualidade traz noções do processo de gênero que foram construídos historicamente pela produção do discurso.

[...] A conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção; [...] Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. [...] Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram. (Foucault, 1988, p. 29 apud Triles, 2021, p.88).

A grande percussora das discussões de gênero é a filósofa norte-americana Judith Butler (2020) que traz toda uma significação sobre gênero a partir de uma construção performativa que se dá através da linguagem. Vale mencionar que de fato, existem conceituações de gênero que definem biologicamente o corpo como objeto da conjuntura conceitual, entretanto o discurso produz um conceito de formação de gênero, no qual, o sujeito munido de impressões sociais, não mais se molda apenas pelas condicionantes genitais. Assim, podemos discutir dentro de uma lógica na qual, o gênero é formulado por meio de uma superficialidade do corpo, ou seja, o gênero tende a ser produzido sob um discurso primário estável significativamente e por outro lado o discurso acrescido da inserção social com o meio modifica a definição de gênero para além do corpo (Triles, 2021 apud Butler, 2020).

Diante desse não lugar ocupado pela mulher, dentro de estudos de gênero tem-se uma

pouca repercussão desta ausência no espaço social devido a invisibilidade que essa sujeita detém. Apesar de termos direitos que consagram essa mulher como cidadã, o corpo feminino teve seu acesso público dificultado devido a seu estereótipo ligado aos afazeres domésticos e da maternidade, logo, muito dessa problemática advém da manutenção do processo de formação das cidades e dominação do homem sobre os territórios e a conseguinte subalternização do corpo feminino dentro da comunidade.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa possui uma metodologia qualitativa com emprego da Revisão Sistemática de Literatura - RSL, sendo realizada por meio do método exploratório tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias, sendo até mesmo flexível por ter um viés de maior variação no fato estudado, esse tipo de pesquisa na maioria das vezes encontra-se envolta de levantamento bibliográfico, que neste caso perpassa todo um estudo na linha de gênero. Além disso, essa pesquisa baseou-se nos estudos de Michel Foucault (1988) e Judith Butler (2020), dentre outros para compreender as definições dos conceitos acerca do tema investigado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É importante destacar que o corpo/sexo não é a causa das relações de poder, mas reflete essas relações, o sistema binário que aloca homens x mulheres traz o imaginário que o gênero se consubstancia no sexo, assim as características psicossociais dos indivíduos se formariam com as disposições naturais do corpo, vindo a ser rotulado como naturalização (Tilio *et.al*, 2021).

Enfim, nas discussões de gênero que permeia a mulher, é possível observar que a temática do corpo é apontada como umas primeiras questões a ser discutida, tendo em vista que o corpo chega em todos os locais, transmitindo símbolos e demonstrativos e, nesse viés, podemos dispor que o corpo da mulher publicamente transmite para além da feminilidade, dois tipos de interpretação, a saber: no âmbito privado o corpo deve ficar escondido, já

**Realização:**



**Apoio:**



publicamente o corpo da mulher é objeto de dominação masculina.

Podemos, por isso, elucidar que, por muito tempo, o corpo feminino trouxe um desejo animalesco sexual que reproduzia muito a posição da mulher como objeto de satisfação sexual. Esse entendimento permite que a mulher encontre-se no lugar de produção do prazer masculino, servindo ao gênero como um abjeto. Assim, uma das primeiras violências que temos, ao analisar o corpo feminino, é a exploração sexual e o domínio corpóreo, similar a um objeto (Tilio *et.al*, 2021). Santos, Neves e Reis (2020, p. 155), apoiados na obra “A condição humana”, de Hannah Arendt (2001) lembram que o corpo da mulher

é condicionado a fertilidade pela sociedade. Temos esse fator naturalizado socialmente, onde o corpo feminino está submetido a ótica de corpo sem corporeidade, ou seja, um corpo visto como objeto, algo pronto, doutrinado, exposto, sem o direito de falar, viver e se expressar, de maneira que a mulher fica presa as ordens impostas, demonstrando assim um corpo submisso e sem direito de afeto. Esse padrão é perpassado pela lógica de poder e caso a mulher desvie é excluída da sociedade (Santos; Neves; Reis, 2020, p. 155).

A visão colonial estereotipada sob o corpo feminino é de primeiro território a ser colonizado pelo colonizador, homem branco europeu, ora, na verdade a vulnerabilidade idealizada pelo homem do corpo feminino advém muito da perspectiva da dominação de corpos e da sexualidade satisfatória. Podemos elencar que, essa dominação de corpos tende a alavancar o sistema patriarcal, a exploração dos corpos torna-se ato empregado como controle, o que chamou-se de contrato social e sexual, ao tempo que observamos a constatare dominação masculina sob a mulher na sociedade, notamos que muito disto é herança de uma exploração sexual do corpo (Santos; Neves; Reis, 2020).

Ao falar de corpo, as discussões acerca do sexo e do gênero são reflexo de um questionamento que emerge da conceituação do homem e mulher, dentro de categorias biológicas criando uma classificação do indivíduo que se distingue pela fisiologia. Essa distinção é atrelada ao corpo, que reflete no sexo e nas concepções de gênero. Assim, essa temática reflete o motivo com o que a mulher tem um não lugar social, muito desse fenômeno surge devido a subalternização do seu corpo.

**Realização:**



**Apoio:**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo feminino herda o que se tem supradito em discussões de gênero e sexo, a mulher é subalternizada devido as implicações biológicas que a levam a um maternar que desconhece o âmbito social. Essa temática elucida a necessidade de ter-se uma distinção do sexo e do gênero quando esses são questionados dentro do organismo social como fenômenos distintos mais que juntos promovem um movimento machista que aloca o corpo feminino como um objeto dentro de um não-lugar.

Assim, a necessidade de estudar temáticas que abordam o caminhar da subalternização do corpo, permite com que possamos entender o motivo dessa inferioridade posta e a urgência em modificar as preceituações predispostas por uma antiga sociedade machista dominada pelo macho.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro, RJ: Forense universitária, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DE TILIO, Rafael [*et.al*]. Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “chega de fiu fiu”. **Psicologia & Sociedade**. Uberaba-MG, v. 33, p. 1-13, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

TRILES, Beatriz Nascimento. Corpos femininos: Por uma subversão. **Revista Peri**, Florianópolis, SC, v.13, n. 3, p. 87-102, 2021.

Santos, Ana Caroline Hessab dos; Neves, Fernanda de Barros Camargo; Reis, Thais Leite. A objetificação dos corpos femininos: uma reflexão fenomenológica existencial. **Revista Mosaico**, v.11, n.2, jul.-dez., p. 154-160, 2020.